

AUDIO & CINEMA EM CASA

N.º 176 • ANO 16 • MARÇO 2005 • 4,00€ • WWW.AUDIO.ONLINE.PT

ONKYO INTEGRA

O AV no seu
expoente máximo

DVP-SP1000E

TX-NR5000E



SME M2-9 • One for All 6 • ATC Active 20 • Heil AMT Syrinx
ThemeScene H57 • JM lab Chorus 716S

Ayre P-5x
superlativo analógico



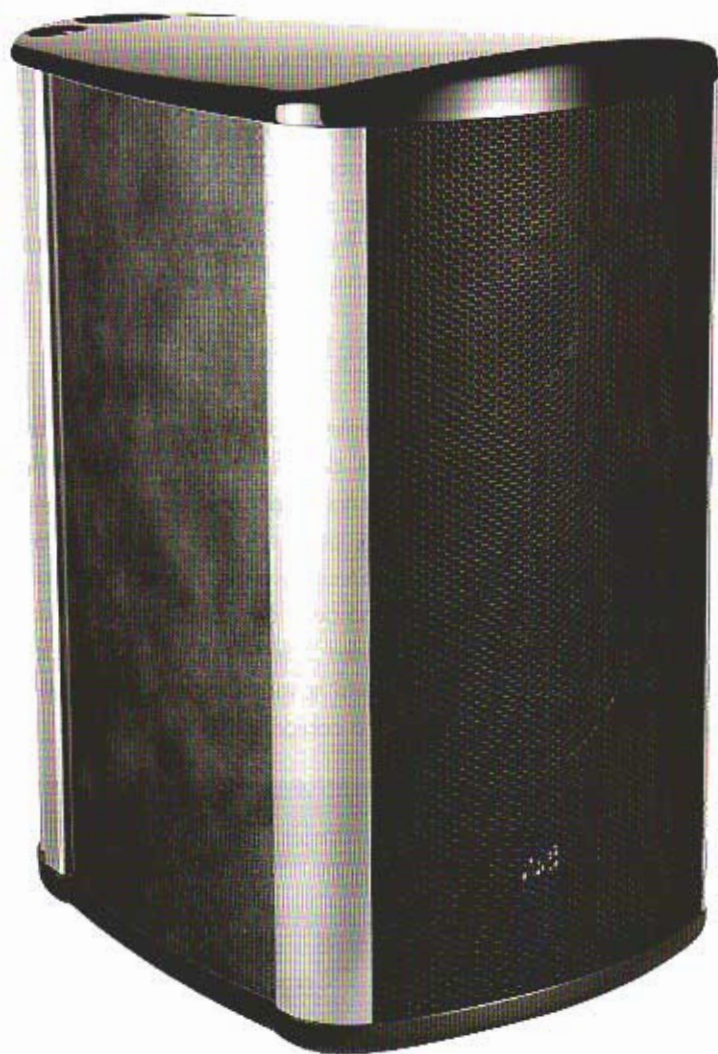
COMPARATIVO

9
pares
de colunas
monitoras



0.0175
5 607853 027434

ATC Active 20



solução integrada

Um par de colunas activas de *high-end*? Parece um conceito estranho, à partida, mas a ATC mostra como se pode conciliar da melhor forma um par de colunas com um amplificador de potência integrado.

Texto
Luís Mota

Vamos tentar abordar, previamente à análise, a temática das colunas activas. Se é perfeitamente normal vermos colunas activas a ladear o monitor do nosso computador, já não é tão normal vermos esta lógica de implementação em sistemas de alta-fidelidade. Se é normal vermos conjuntos económicos de cinema em casa com colunas activas, também já não o será para audições críticas de áudio.

Então porque é que marcas britânicas como a ATC (e a Meridian, por exemplo) decidem lançar um produto deste tipo? Talvez o leitor não saiba, mas é muito habitual os estú-

dios de gravação terem sistemas de colunas activas como monitoras de masterização, quer para CD's quer para DVD's. Ora, se os profissionais confiam neste tipo de configuração, porque não igualmente os audiófilos em casa?

Como em tudo na vida, existe mais do que uma explicação. Na minha modesta opinião, a razão principal porque existe tão pouca oferta deste tipo de produtos para uma escala mais elevada de grau de exigência é simplesmente esta: o marketing. Por qualquer razão histórica, comprar amplificadores e colunas em separado tornou-se uma moda que pegou e que se alimenta de si própria – e dos consumidores, claro.

Se não tivermos necessidades, alguém se há-de lembrar de nos inventar uma. E se ponderarmos as vantagens e as desvantagens de comprar um sistema de colunas activas, poderemos rapidamente perceber que é algo que até poderá fazer todo o sentido.

Por exemplo, quando compramos um automóvel, compramos o motor de marca diferente da do chassis? A não ser que seja um entusiasta do *tuning/moding* de carros, tenho quase a certeza que a resposta será não!

É ainda bem que a resposta é não, porque de outra forma, quer o chassis quer o motor que compraria em separado teriam custos de produção bem mais elevados individualmente, que se reflectiriam necessariamente no preço final a pagar. Um chassis e um motor genéricos seriam provavelmente construídos com especificações mais alargadas, de modo a poderem integrar-se com uma série mais vasta de produtos de outras marcas.

Quando compramos um amplificador integrado na caixa de uma coluna, estamos no fundo a adquirir um produto em que todas as partes integrantes do mesmo foram pensadas e construídas a pensar num e no outro e em mais nada.

A desvantagem deste conceito é tão-somente a da falta de flexibilidade. Quando o cliente se «cansar» do produto, ou quando este necessitar de reparações, pode correr o risco, no primeiro caso, de ter de comprar um amplificador e um par de colunas novos, pois o *upgrade* de outra forma poderá não se realizar; no segundo, de a gravidade dos danos significar que qualquer um dos componentes se encontra irremediavelmente perdido.

Agora, se voltarmos ao conceito de integração na lógica em que o amplificador e as colunas foram construídos de forma sinérgica com componentes perfeitamente adequados a um outro, a ideia de *upgrade* será a de que só fará sentido comprar um novo sistema activo de classe superior ao invés de o fazer em passos distintos – comprar amplificação e colunas em fases distintas em que melhoramos em primeiro lugar as colunas para depois avançar para o amplificador, ou a situação inversa, não tem aplicabilidade pois, por definição, não faz sentido. O que faz sentido é ter uma amplificação adequada às colunas e não qualquer um dos aparelhos «so-

bredimensionado». Olhando para o dinheiro investido e o respectivo retorno em termos de prestação sonora, a solução de coluna activa é a que oferece as melhores perspectivas – e isto é inquestionável.

Outra vantagem, esta mais óbvia, é que, com um sistema activo de *high-end*, deixa de ser necessário comprar cabos de coluna de *high-end*. *High-end = high cost*, estão a ver onde quero chegar aqui também, não?

Sintetizando, a solução para obter o melhor sem mantendo os custos dentro do razoável passa necessariamente pelo conceito da integração com recurso a sistemas de colunas activas. A questão da diversidade de oferta deste tipo de produtos é que será outra questão e que está fora do âmbito da discussão.

Atc ATC20

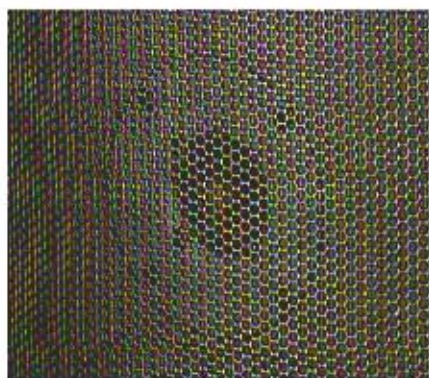
Para os menos atentos, a Acoustic Transducer Company – daí o acrónimo, ATC – também não é nenhuma novata no mercado. Sedeado em Gloucestershire, fabrica produtos de alta-fidelidade desde 1974 e usa somente componentes próprios na construção dos seus aparelhos. Estúdios de gravação como a Telarc usam componentes ATC, a própria Sony escolheu a ATC para demonstrar o SACD com sistemas activos. Até os Pink Floyd escolheram ATC's

para a remasterização do seu *Dark Side*..

Olhando então agora com mais detalhe o objecto desta análise, integrei as ATC com o prévio Jadis DA-60 e o conjunto transporte/conversor da Audiolab 8000CDM/DAC. O prévio não teve quaisquer problemas em lidar com o 1 V de sensibilidade e cerca de 10 kOhm de sensibilidade à entrada. Atenção que a cablagem a usar à saída do prévio deve ser balanceada. XLR, portanto, não sendo assim aceites as mais comuns fichas *single-ended*. O cabo de interligação também deverá ter uma extensão mais generosa do que o habitual.

Saídas da caixa, percebemos imediatamente que temos umas colunas especiais propostas pela ATC. Quer o *design*, quer o próprio acabamento exultam em qualidade e atenção. Só tive pena de os meus suportes, uns velhos Atacama ZOSE, não estarem à altura da ocasião. As colunas têm





uma dimensão respeitável – quase 50 centímetros de altura –, pelo que poderão obrigar a alguma atenção na escolha dos suportes: estamos também a falar de 27 quilos de peso. Mas outra

coisa não seria de se esperar, dado que reside um monobloco no interior de cada uma daquelas caixas.

As colunas são de duas vias, com um tweeter de cúpula macia de 1 polegada e um woofer de 6 polegadas. Estes cones são alimentados por 50 W no primeiro caso e 200 W no segundo.

Desde o primeiro instante que as Active 20 soaram musicais, com uma gama média honesta e uma larguíssima resposta em frequência. Acabam por ter uma sonoridade que se aprende a apreciar, soando cada vez mais correcta à medida que me desprendia do som habitual do Jadis e das minhas Dunlavy. Não faço ideia de até que ponto é que as Active 20 tocam alta, pois preocupe-me mais com a minha integridade auditiva do que em descobrir os limites destes bichos. De qualquer modo, até onde fui elas nunca perderam o seu sentido de equilíbrio ou brilharam em demasia.

As audições

Em música clássica, somos facilmente transportados para a sala de concertos, tudo completo com o respectivo ambiente e entusiasmo do público. Mesmo nas gravações ricas em reverberação, os ataques vocais e instrumentais foram atirados com uma clareza e palpabilidade excelentes.

Tocando baixinho, o seu comportamento não se alterou, provando que são capazes de transmitir emoção e criatividade a quaisquer níveis.

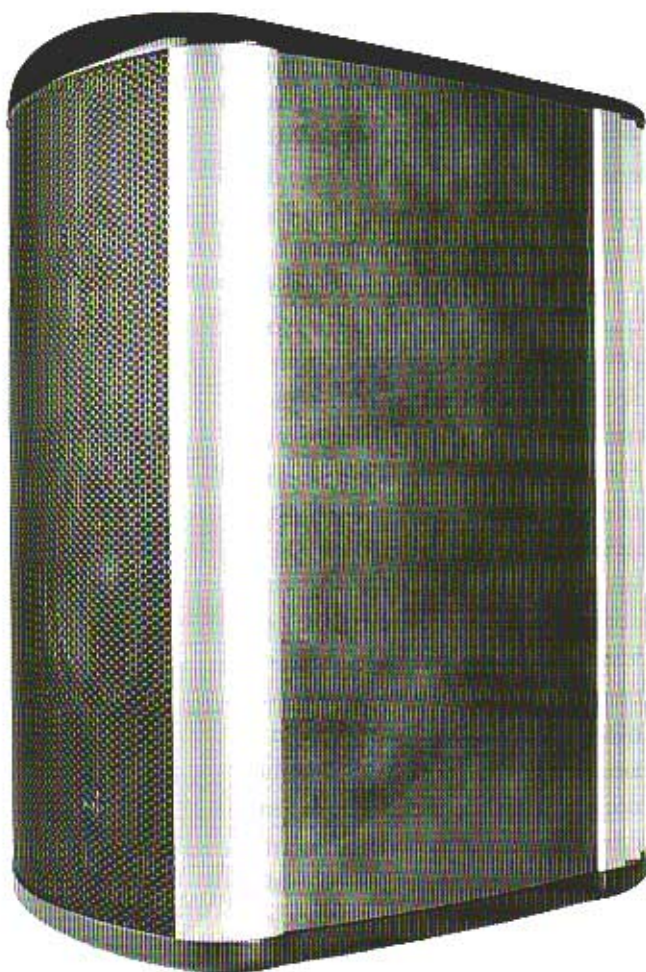
A resposta da grave é cheia e extensa, com os manos sempre a puxar rédea curta ao menor sinal de tentativa de descontrolo, por mais pequeno que possa ele ser. As ATC reproduziram tudo com grande definição, até quase aos limites da última oitava, o que é significativo para uma coluna de assentamento em suportes! Fiquei muito impressionado com o impacto das baquetas em tambores de grandes dimensões, graças à noção de peso, impacto e localização específica no espaço. De tal forma que fui buscar todos os meus discos de tortura de graves, tendo ficado muito bem impressionado com a capacidade de integração e resolução musicais, ao ponto de acabar por prestar menos atenção ao som e mais à música...

As ATC apresentaram-se também com tão pouca coloração na reprodução de graves como poucas das que cá por casa tenho tido. Basta ouvir o dedilhar nas cordas de um contrabaixo para perceber do que escrevo. OK, outras colunas poderão ter mais impacto ou até feito tremer a mobília, mas poucas se mostraram tão reveladoras ao nível do detalhe do grave. É que, quando começamos a pensar noutras colunas que lá conhecemos, algumas acabam por meter grave quando ele não deveria lá estar, como que para encher espaço – não as ATC, o que só revela a integridade da construção destas, com ausência total de ressonâncias nas suas caixas.

O rigor da gama média revelou-se surpreendentemente bom. Digo surpreendentemente porque a complexa electrónica que a ATC emprega neste modelo poderia de algum modo interferir nesta gama tão crítica do espectro sonoro. Para além disso, a gama média revelou-se ainda singularmente pura e sem grão.

As vozes masculinas e femininas soaram muito naturais, tal como o piano, com os instrumentos a serem apresentados de forma extremamente limpa e com as ressonâncias correctas.

Sem dúvida que a gama alta é extensa e, pelo menos, tão detalhada e baixa em distorção como a gama média. Quase sempre, estes elementos integraram-se muito bem,



ajudando a criar uma resposta espectral larga e homogênea. Tal como já indicado acima, estas ATC são das poucas colunas capazes de fazer tudo isto também a baixos níveis de pressão sonora.

A representação espacial é soberba, com o *frisson* adicional de que as ATC são capazes de criar ao invés de arrancar efeitos verticais em algumas gravações corais. Alguns dos lamentos do Harlem Boys Choir até flutuavam por cima da orquestra... os instrumentos e vozes posicionados por entre e ligeiramente para diante das colunas no plano frontal e acamados para trás por entre o plano virtual da gravação. O que é interessante notar é que todos os sons tinham mais altura do que noutras monitoras que tenho ouvido ao nível do *driver* de médio-graves. O efeito foi parecido com o de estarmos sentados no meio dos músicos e não propriamente no primeiro balcão, isto ao mesmo tempo que os grandes *ensembles* estavam decididamente alinhados em profundidade e altura. No disco *Three Psalms for String Orchestra* da Chesky, foi possível sentir o violoncelo solo, emergindo bem por entre as colunas, ao mesmo tempo que a orquestra de cordas era explorada com um requinte de detalhes para trás e para cima. A tecnologia consegue fazer coisas, de facto, muito interessantes!

Conclusão

Em jeito de conclusão, as ATC Active 20 são lindas e integram-se facilmente nos mais variados estilos de decoração de sala, ao mesmo tempo que conseguem um desempenho soberbo em quase todos os estilos musicais, desde a música mais simples até aos arranjos mais complexos. Na realidade, o seu estilo elegante até ajuda a deixar-nos mais atentos à música, pois é fácil esquecer a sua presença, permitindo-nos maior liberdade para nos abandonarmos nas experiências musicais, na emoção das audições. A sua reprodução de graves é do mais completo que tenho tido o prazer de experimentar; são igualmente muito reveladoras de toda a tipo de gravações que passamos ter na nossa colecção de discos.

Por outro lado, dado que temos aqui um par de colunas activas, é preciso não esquecer que acabamos também por ter aqui um soberbo par de monoblocos, fazendo deste conjunto um dos grandes *bang for the buck* neste segmento de preços! ■

Preço

4.945,52 €

Representante

Exaudio

21 464 91 10